# DEUSES BRASILEIROS

Rodrigo Rahmati

SYNTAGMA

# DEUSES BRASILEIROS

**Rodrigo Rahmati**

Londrina, verão de 2020.

SYNTAGMA

*“Dedicado às criaturas mitológicas que me acompanham em minha jornada”*

***Rodrigo Rahmati***

**Fotografia >** Rodrigo Rahmati
**Tratamento de imagens >** Rodrigo Rahmati
**Capa >** Jéssica Reis
**Diagramação >** Jéssica Reis
**Coordenação Editorial >** Hertz Wendel de Camargo
**Revisão >** Josemara Stefaniczen
**Produção Eletrônica >** Syntagma Editores

**Conselho Científico Editorial**
Dr. Antonio Lemes Guerra Junior (UNOPAR)
Dr. Aryovaldo de Castro Azevedo Junior (UFPR)
Dra. Beatriz Helena Dal Molin (UNIOESTE)
Dr. José Ângelo Ferreira (UTFPR-Londrina)
Dr. José de Arimatheia Custódio (UEL)
Dra. Pollyana Mustaro (Mackenzie)
Dra. Vanina Belén Canavire (UNJU-Argentina)
Dra. Elza Kioko Nakayama Murata (UFG)
Dr. Ricardo Desidério da Silva (UNESPAR-Apucarana)
Dra. Ana Claudia Bortolozzi (UNESP-Bauru)
Dra. Denise Machado Cardoso (UFPA)
Dr. Marcio Macedo (UFPA)

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

R147 Rahmati, Rodrigo. 1987-
Deuses brasileiros. / Rodrigo Rahmati. – Londrina : Syntagma Editores, 2020.
82 p.

ISBN: 978-85-62592-63-8

1. Literatura. 2. Ficção. 3. Cultura brasileira. I. Deuses brasileiros. II. Rahmati, Rodrigo.

CDD: 800
CDU - 82

SYNTAGMA

Copyright © 2020, Syntagma Editores Ltda. Londrina (PR), 26 de fevereiro de 2020.

www.syntagmaeditores.com.br

# PREFÁCIO

## Sobre a mitologia brasileira

Todo mundo sabe alguma coisa sobre mitologia. Mais do que imagina. Pra começar, “mitologia é a religião do outro”, como disse o mitólogo Joseph Campbell, o

mesmo que nos anos 1970 inspirou George Lucas quando criou a saga *Star Wars*. Então, todas as religiões, sendo a sua ou as dos outros, são mitologias, mas que mantêm uma determinada estética, uma complexa política e uma linguagem discursiva peculiares.

Podemos insistir que não, mas sempre sabemos algo sobre os signos do zodíaco. Temos uma noção de que Afrodite é a deusa do amor. A Medusa transforma homens em pedra. Thor é o deus do trovão e Locki seu irmão malvado. Podemos imaginar que Yin e Yang são elementos que se complementam e que Iemanjá é a deusa do mar.

Sabemos que Nossa Senhora Aparecida é a padroeira do Brasil. Já pensamos em algum momento que temos um anjo protetor. Também já ouvimos falar em mesa branca e em espíritos obsessores – os famosos "encostos". E, claro, já entendemos que o catolicismo possui uma liga da justiça, com vários deuses chamados popularmente de santos.

Como você percebeu, a mitologia está viva entre nós, em nossas práticas espirituais, no consumo, no teatro, no cinema, na televisão e, obviamente, na literatura.

A proposta deste livro é um convite a conhecer os deuses brasilei-

ros. A primeira constatação é que o panteão brasileiro é o resultado de muitos deuses trazidos nas caravelas. Deuses que se encontraram com os que já habitavam as terras tupiniquins. Se os deuses são o reflexo de um povo, o olimpo brasileiro não seria diferente da miscelânea cultural que nos representa.

Tupã, Saci, Ogum, Zé Pelintra, Santo Expedito, Curupira, Caipora encontram novos deuses, ao estilo da obra *Deuses americanos* de Neil Gaiman. Deuses bem verde-e-amarelo como o Feriado, o Batidão, o Gambiarra, o Jeitinho, o Benefício e o Futibas. O livro é uma aventura, deuses antigos e novos

se juntam para descobrir quem sequestrou o Feriado, um dos deuses mais cultuados pelos brasileiros.

A obra de Rodrigo Rahmati é instigante, reveladora e ajuda a ver, de um ângulo inusitado, a cultura brasileira. E vai além: é um olhar para nós mesmos. Funciona como espelho para observarmos o quanto as mazelas do outro são nossas próprias mazelas.

— *Tamo junto, mermão*!

Impossível não pensarmos na atual situação do Brasil onde tantas deidades são cultuadas diariamente, pois somente elas possuem o poder simbólico de ir ao resgate ou oferecer alívio psíquico

para tanta gente. Entidades como o Faz-me-Rir (agora chamado de Capital) e a Meritocracia nos lembram o que vale, de fato, a pena ser cultuado. Assim como eu, espero que você também seja fisgado por essa nossa mitologia. E nunca se esqueça que, ao se deparar na internet com o meme "sextou", nada mais é que uma breve oração para nossa querida deusa Sexta-Feira, irmã do Feriado.

Boa leitura e ótima aventura!

**Hertz Wendell de Camargo**
Doutor em Estudos da Linguagem, professor e pesquisador de mitologia e religião da Universidade Federal do Paraná

Deus
Coxinha

## 1

Quem veio primeiro – o ovo ou a galinha? Difícil, né? Pois é, e com a gente é assim também. Nós passamos a existir de uma hora pra outra, e, ao mesmo tempo, sempre existimos.

Nós representamos a realidade

e a realidade nos representa. Podemos, é claro, ser esquecidos – eu, por exemplo, fui. Uma meia dúzia de pessoas ainda realmente crê em mim, e é por isso que eu ainda estou aqui, me arrastando. O foda é que eu não sei quem elas são, mas... mas divago. Vamos voltar ao que eu dizia, porque é essencial pra você entender a história que eu vou contar.

Vou contar a história de como começamos a nossa luta contra o Sistema – e essa história começa com dois dos novos deuses, que surgiram dessa mesma maneira contraditória (quase um *duplipensamento,* pra citar um grande au-

tor): os irmãos e inimigos mortais Mortadela e Coxinha.

Eles apareceram no morro da mesma forma que o primeiro citado apareceu nesse relato: chegaram chegando, gritando, brigando. Nunca os tínhamos visto, mas sempre estiveram lá, se você perguntar pra eles. Têm todo um histórico de vida e sabem de onde vieram, como todos os deuses, e, assim como eles também, não se lembram da primeira infância. Não se reconheciam como deuses, como nenhum dos novos (dos antigos não temos recordação), porque todos os deuses brasileiros são assim: têm complexo de vira-lata.

Quando veem outros como eles – os reconhecem pela aura – é que dá um estalo em suas mentes e eles começam a entender. Foi assim com o Mortadela, e fui eu a primeira pessoa que ele interagiu aqui na favela – e que explicou pra ele sua condição. E, como eu disse, mais uma vez ele chegou berrando.

— Puta que pariu, sai da frente, cadê a porra do Índio?!

Em instantes, ele entrou porta adentro, esbaforido.

— Porra, achei tu, mermão. — Ele olhou pra trás, pros clientes do bar do qual meu quarto-e-banheiro ficava nos fundos.

— Achou o Índio, mini-encren-

queiro? — o dono do bar riu. Tinha quase o dobro da altura do Mortadela, mas o que o baixinho tinha de invocado, ele tinha de pacífico.

Mortadela bateu a porta na cara dele.

— Deu merda, Tupã. Os caras precisam de tu. — Debaixo do seu tradicional boné de supermercado, seus olhos estavam aflitos.

— "Precisam" como? Que merda que deu? E *o quê* que eu posso fazer?

— Vou te contando no caminho. O Pastor e a Sexta-Feira estão esperando.

— Quem?!

— O negócio tá feio, bicho. Ma-

taram o Benefício e agora pegaram o Feriado.

— Ah, não, *o Feriado não*...

# Deusa Meritocracia

## 2

Eu já tava bem acostumado à minha rotina: subir em poste, fazer gato, graças à minha habilidade saber o quê ia aonde, e, com isso, ganhar minha graninha. Sobreviver. Nunca entro nas brigas dos grandes. Nem dos pequenos, pra falar

a verdade. Nem quando o Mortadela, que é amigão meu, pediu pra ajudar a dar um jeito no Coxinha, que tinha largado o morro pra ir ser motorista do Faz-me Rir, eu interferi. Aliás, o Faz-me Rir tem um novo nome agora: *Capital*.

E isso é parte do problema.

Quando ele foi embora do morro, que é meio onde todos nós encontramos nosso espaço pra viver em paz, começou a andar com as pessoas erradas. Foi corrompido. E corrompeu outros, também. Fez a cabeça de muita gente. Levou muitos de nós com ele, até dois dos donos do morro. Naquela época, eles eram três: o Padre, o Trinta

e Três e o Futibas. A Sexta-Feira, que era amante do Padre, ficou pra trás – assim como a Pelada, peguete do Futibas. Claro que nós ficamos do lado delas, e ajudamos a superar aquela situação que parecia que não ia mudar. O Faz–me Rir ainda voltava de vez em quando pra ver os chegados, mas estava cada vez mais diferente. Mais... distraído. Com menos personalidade, parecia. E então ele se casou, mudou de nome e passou a ignorar até os amigos que tinham vazado com ele. Os dois – o ex-Padre que agora se chamava Pastor e o ex-Futibas que agora era o Imperador – voltaram pro morro, jurando

arrependimento ao Trinta e Três, mas o agora dono exclusivo do morro não quis conversa. Cada um foi prum lado e montou a própria comunidade.

Com o Pastor, foram a Sexta-Feira, que se tornou sua esposa, os irmãos Gambiarra e Jeitinho, e o Feriado, irmão da Sexta-Feira. Ele era querido por todos, e foi o único que tinha passe livre nos outros dois morros. O "nome civil" dele dizia tudo: *Gente Boa*. Pro morro do Imperador foram a Pelada, o Goró e a Música, que agora quer ser chamada de "Batidão". Com o Trinta e Três ficaram os deuses antigos e esquecidos que ainda não

tinham morrido e não estavam sumidos no mundo – eu, o Boto e a Iara –, o JCBR (que, se fosse como se esperava, ficaria com o Pastor, mas acabou que os dois não se dão bem), o Benefício e o Mortadela. Antes ainda tinha o Saci e os irmãos Curupira e Caipora, mas, depois que esse último morreu – foi esquecido de vez –, os dois sumiram no mundo.

O Benefício, ao contrário do que o Mortadela disse, não morreu: se corrompeu também pelo casal. Agora se chama Ajuda de Custo, e só frequenta a alta sociedade. Pro Mortadela, todo mundo que saiu do morro *morreu*. Foi uma dificul-

dade convencer ele de que o Boto e a Iara não estavam traindo a gente quando saíram pra ajudar o povo que dependia de Mariana e do rio Doce, mas ele acabou entendendo que era por um bem maior. Acabaram ficando por lá de vez depois de Brumadinho. Os outros, no entanto, ele não perdoa. E se eu não falei ainda com quem o Faz-me... desculpe, o *Capital* se casou, é porque estou *tão puto* com o que eles fizeram que é como se meus dedos se recusassem a botar no papel o nome daquela filha-da-puta.

Ele se casou com a *Política,* cara. Aquela vaca que nasceu no nosso meio e virou aquela aberra-

ção. Ela corrompeu nossos amigos e depois pegou o Feriado. O Gente Boa, cara. E ela matou outros pra... Desculpe; me adianto de novo. Vamos por partes.

# Deus Feriado

## 3

O Feriado era irmão, como eu disse, da Sexta-Feira, esposa do Pastor. Foi ela quem convenceu o marido a se aliar ao Trinta e Três, dono do nosso morro, pra que fôssemos atrás do casal resgatar o Feriado. Não precisou insistir muito;

todo mundo gosta dele. Armou-se, então, o plano – e ajuda foi pedida. O Imperador estava brigando com a CBF por causa do calendário do Brasileirão e não quis ir; a Pelada, apesar de ser uma deusa menor, estava organizado o *casados contra solteiros* do mês e alegou estar ocupada. Deles, contudo, nunca esperamos muito – vivem num mundo à parte. Mandaram só a Batidão como "delegada"; o Goró não pôde ir porque não estava em condições. Do nosso lado foram todos os deuses novos, menos o JCBR, que não podia deixar seu terreiro desprotegido, mas que ia dar uma ligada pro Zé Pilintra pra

ver se ele podia vir da Bahia pra dar uma mão. Já nós, os deuses antigos, fomos deixados de lado porque somos muito fracos.

Decidiram também que deviam atacar com tudo, de uma vez, pra acabar com o casal; por isso, foram pra outros estados antes, pra angariar todos os reforços que pudessem. Em Minas, conquistaram o apoio do ET de Varginha, e em São Paulo foram atrás da ONG Cuidado com a Cuca – a associação composta pela Loira do Banheiro, o Bebê-Diabo, o Chupacabra e o Velho-do-Saco. A Cuca mesmo tinha enchido o saco daquilo tudo e voltado pro mato. Essa ONG fornecia

seus serviços pra qualquer um que pudesse pagar... e foi lá que as coisas desandaram.

A Batidão tinha recebido, em segredo, um dinheiro absurdo do casal, através de uma lei polêmica, e tinha pagado mais grana pra ONG do que os deuses insurgentes. Quando eles chegaram lá, a ONG e os agentes do casal já estavam esperando.

Santo
Expedito

## 4

Nessas horas é que eu acredito em providência: o Mortadela me contou que a Batidão foi a primeira a morrer no fogo cruzado. Mas entendam: não que não tivéssemos capacidade de enfrentar eles (estou usando o “nós” porque estou

me referindo ao nosso lado, em oposição ao deles); nós conhecíamos cada um deles e cada um de seus poderes... se eles não tivessem trunfos na manga.

Primeiro: o Orbe estava com eles. Claro, sempre esteve, mas ele não costumava se envolver diretamente. Flutuando no ar e emitindo seus plim-plins, desviando-se como o mestre das manobras que era, ele atingiu vários de nós com seu raio, saído da pupila redonda de seu único olho retangular e multicolorido. E, segundo: eles tinham um outro reforço inesperado: o Monstro da Expectativa, gigantesco, faminto, deformado

e titânico, que arrasou com todo mundo, inimigo ou aliado. Perdemos o ET, o Pastor e a Sexta-Feira; eles perderam, além da Batidão, a Loira do Banheiro, o Bebê-Diabo e o Velho-do-Saco.

Os nossos só conseguiram mesmo sobreviver graças aos irmãos Jeitinho e Gambiarra e seu artefato mágico – o Sevirômetro, que era parecido com um canivete suíço, mas nitidamente amador e tornado possível através de Super Bonder, fita isolante e Durepox. Era um mecanismo que distorcia as probabilidades e aumentava a chance das coisas darem certo, e foi providencialmente operado

pelos dois, desmaiando o Monstro e deixando o campo de batalha numa situação de empate.

— O que é mais divertido — o Capital ria, insano, enquanto batiam em retirada, guinchando o Monstro — é que, quanto mais vocês se prepararem, quanto mais planejarem, quanto mais reforços arrumarem, mais o nosso Monstro crescerá.

Partiram, os dois, abraçados, ele e a Política, com o Orbe de guarda-costas, enquanto nós reuníamos nossos feridos.

Deusa
Batidão

## 5

Trinta e Três decidiu que devíamos esperar, apesar de tudo. O Pastor e a Sexta-Feira retornariam em pouquíssimo tempo – eram deuses fortes. Quanto ao ET de Varginha ele não tinha tanta certeza, mas parecia mais certo que

ele voltasse do que o Bebê-Diabo. Além disso, a Loira e o Velho já não eram tão fortes quanto antes; deviam demorar mais.

O que ninguém tinha coragem de dizer em voz alta era que força divina nenhuma podia agora se comparar à potência que eram a Política, o Capital, o Orbe e o Monstro da Expectativa unidos.

Foi quando o JCBR veio com a ideia:

— Por que não trabalhamos, enquanto esperamos, para trazer de volta um pouco do poder dos deuses antigos?

— Mas como faríamos isso, babalaô? — o Trinta e Três perguntou.

— Podemos pedir ajuda para a Internet.

— Excelente ideia — o dono do morro balançou a cabeça, visivelmente empolgado. — Ela odeia o Orbe, de fato...

— Nós trazemos ela — disseram, em uníssono, Gambiarra e Jeitinho.

Foi muito engraçado, me disse o Mortadela, ver o JCBR e a Internet conversando, porque ela se veste como uma atriz pornô – com direito a meia três-quartos, salto alto, pompom na bunda e corset empurrando os peitos para cima. (Segundo relatos, JCBR não desviou o olhar dos olhos dela em nenhum

momento.)

— Podemos começar com ações pontuais — a Internet disse, com um tom de voz perturbadoramente profissional e sério. — Fazer as pessoas se lembrarem dos deuses antigos através de vídeos no YouTube, postagens patrocinadas de empresas de fachada nas redes sociais, coletâneas literárias com temas mitológicos... E então, pelo que acabo de pesquisar na big data, você pode organizar seu pessoal por aqui para que façam rituais periódicos, porque a energia que vocês podem passar para eles é consideravelmente maior do que a das pessoas comuns.

— O que temos que fazer pra isso? — o Trinta e Três perguntou.

— Só acreditar — a Internet sorriu, e isso também foi perturbador. — Vou ensinar ao JCBR a canalizar essa energia a vocês no terreiro dele.

Quando o Mortadela me contou essa parte, da literatura, uma coisa ficou na minha mente.

— Tentaram convocar o Literato? — eu perguntei. — Aliás: vocês *encontraram* ele?

— Olha, acabou que nós encontramo — o Mortadela disse. — Mas ele não tava bem não, mermão. O Jeitinho achou ele deitado nuns papelão na rua, num bairro chique

Deus
Mortadela

## 6

Foi aí que o Mortadela veio atrás de mim. Ao invés de continuarem caçando os outros deuses antigos pelo Brasil afora, decidiram concentrar todos os esforços em mim, pra que eu pudesse retomar pelo menos uma fração do poder que eu tinha

quando estava no topo do Panteão, antes dos portugueses chegarem. O ritual está marcado pra amanhã à noite – Dia de Todos os Santos, que dizem ser o mais propício –, mas eu não tenho certeza se vai funcionar. Quer dizer... vai ter um monte deles direcionando suas energias diretamente pra mim, e até os deuses católicos, que mesmo que enfraquecidos vêm ajudar, mas... não sei. (Dos deuses católicos mais fortes, aliás, confirmaram o Santo Expedito, o São Longuinho, a Santa Luzia e o São Brás; ainda não responderam a Nossa Senhora de Aparecida, sempre atarefada, e o igualmente ocupado Santo Antônio. Esses dois,

no entanto, têm boas relações com o Orbe e nem sei se vão responder.) Tudo o que meu resto de poder permite é me proteger contra a eletricidade e dar uns choques... e não muito mais do que isso.

Tenho certeza, infelizmente, que jamais vou recuperar meus poderes como eles eram, e tudo o que os outros deuses nesse momento estão fazendo é alimentar o Monstro da Expectativa.

Espere um momento... Um negócio me ocorreu.

Vou fazer uma coisa e já volto a esse relato.

ESTABLISHED
60

## 7

Pedi aos chegados que adiassem o ritual porque precisei seguir uma intuição que surgiu no meu momento de baixa autoestima.

O negócio, meu chapa, é o seguinte: todos os deuses antigos são mais ligados à natureza do que os

novos. Muitos desses acreditam que “o verde” é só mais um aspecto da coisa toda a ser considerado, mas nós, ao contrário, sabemos que tudo vem do mundo natural e tudo a ele vai voltar. E é daí que me veio o insight, para usar essa boa palavra nova: os deuses são praticamente a condensação de energia pura, e deixam suas marcas no mundo. Quando um deus novo surge, nós sabemos. Talvez não conscientemente, mas nós percebemos a perturbação – e quando vemos o novo deus, sabemos, instintivamente, que era aquele então o motivo da nova perturbação. E é a mesma coisa que ocorre quando

um deus se vai de vez.

Analisando posteriormente, eu percebi que não tinha mesmo notado a “vinda ao mundo” do Monstro da Expectativa – então, tinha alguma coisa errada ali, sendo o Monstro um negócio tão gigantesco quanto foi narrado pelo Mortadela.

Como eu precisava entender o que estava acontecendo – se, de fato, não era eu quem estava mesmo muito fraco e não tinha percebido a perturbação na energia natural –, eu decidi procurar o deus antigo mais forte que ainda existe pra saber dele qual era a verdade. De repente, sábio como ele era, poderia me dizer até mais do que

eu esperava.

Mal sabia eu como estava certo em pensar assim.

## 8

— Preciso que operem o Sevirômetro pra que eu encontre o Saci — eu disse aos irmãos Gambiarra e Jeitinho.

— Procurando reforços?! — o Jeitinho sorriu. — Demorou!

— Vamos fazer isso agora — o

Gambiarra disse. — Ou prefere amanhã cedo? — perguntou, olhando pro céu pela janela do lugar que fora eleito o nosso QG: a mansão-fortaleza do Trinta e Três, no topo do morro. A noite começava a cair.

— Não... A noite é o momento perfeito pra achar ele.

Gambiarra e Jeitinho operaram então o artefato em sua potência máxima. Isso usava muito das suas energias – eles com certeza iam dormir boa parte do dia seguinte, assim como foi depois da batalha da ONG –, mas eu convenci eles de que era por uma boa causa. Estendi um mapa do Brasil, fechei os olhos, senti as bordas do mapa com

os dedos e, me tornando o alvo do Sevirômetro, coloquei o dedo no primeiro ponto que me ocorreu ao pensar no Saci.

Toquei um ponto da serra perto de Campos de Jordão. Era pra lá que eu ia, então.

## 9

Parti num carro emprestado do Trinta e Três e levei comigo um smartphone dado pela Internet, conectado em banda máxima o tempo todo. Fui sozinho; talvez o Saci fosse mais amigável se estivesse apenas em companhia de um

dos antigos. Desde que ele saiu do morro não nos procurou mais; isso devia querer dizer alguma coisa.

O GPS me levou a um rancho no meio das montanhas. Era facilmente acessível por uma estrada asfaltada – o que era estranho, em se tratando do Saci. Eu esperava que ele estivesse escondido num lugar muito mais integrado à natureza do que aquele rancho, que era nítido que era de luxo. Pensando nisso, desliguei o farol do carro e me guiei pela lua cheia. Chegando na frente da casa – enorme! – pela lateral, percebi que a porta da frente estava aberta, pela luminosidade que escapava pro jardim. O Trinta

e Três que me perdoe, mas naquele momento eu joguei o carro dele pra fora da estrada, no meio ao mato. Ainda bem que o carro era elétrico; quem estava na porta da casa não me ouviu.

Me esgueirei pra mais perto, e quem eu vejo conversando calmamente à porta? A Política, o Capital e um aristocrata de terno. Trocaram palavras inaudíveis por uns minutos ainda, despediram-se com beijinhos e apertos de mão e entraram num carro de luxo, saindo sem demora. Esperei que o aristocrata entrasse pra refletir melhor: teria o Sevirômetro me mandado prum lugar diferente do que eu esperava?

No entanto, assim que eu saí do meu esconderijo nos arbustos pra estudar um meio de entrar na casa (não estava preocupado com seguranças; não é assim que os deuses morrem), eu ouvi um grunhido assombroso, ainda que parecesse somente um resmungo feito por algo muito grande.

Era pro Monstro da Expectativa que o Sevirômetro tinha me mandado, então.

## 10

Dando a volta na mansão, encontrei um caminho de terra que me levou a um galpão de uns dez metros de altura, trancado com fechadura eletrônica. Era óbvio o que ele abrigava. Colei meu ouvido à porta e à parede, mas eram

grossas e eu não ouvia mais do que os resmungos guturais do monstro. De qualquer forma, causei um pequeno curto na fechadura e abri uma fresta, prestes a correr caso o monstro me visse. No entanto, vi uma cena tão surreal que acabei entrando no galpão.

O Monstro da Expectativa estava acorrentado, com grossíssimas correntes, pelos tornozelos, pulsos e com uma descomunal coleira no pescoço. Ele era bestial, horrendo, uma verdadeira fera primal, mas eu estranhamente reconheci suas feições – e não demorei mais do que uns instantes pra isso. Intrigado, eu percebi que ele estava total-

mente alheio; sua atenção estava voltada inteiramente pra diversos monitores de, pelo menos, sessenta polegadas, e uns dez deles, na frente do seu rosto. Ele resmungava, grunhia e se remexia, e então mudava o foco do olhar de um monitor pro outro. Me aproximei, e então entendi tudo.

Não existia nenhum "monstro da expectativa"; aquele era um antigo deus, agora corrompido, e eu me lembro bem quando ele deixou de ser Mapinguari pra ser rebatizado como "Troll". E, o terror dos terrores, eles – ou ele, o aristocrata – o estavam alimentando e anabolizando com a seção de comentá-

rios de diversas e simultâneas matérias políticas do portal G1.

Usando um bom tanto do poder que me restava, eu destruí os monitores com uma descarga elétrica, revoltado com o que haviam feito com o antigo deus. Certamente – e pra minha sorte – tinha algum mecanismo de proteção no caso de pane, e imediatamente o monstro foi posto pra dormir.

## 11

— Agora a coisa é entre a gente — eu disse assim que abri a porta de madeira de folha dupla com um chute. Tinha precisado eletrocutar só dois guardas; a segurança do aristocrata era fraquíssima.

O homem, em seu terno vinho,

bigodão branco e cachimbo na boca, sentado atrás de uma grande mesa, ergueu a cabeça e arregalou os olhos assim que me viu – e, ao contrário do que eu esperava, ele simplesmente começou a rir, e o riso se transformou numa gargalhada.

Dei a volta na mesa pra ver ele por inteiro; poderia estar escondendo algo. O que vi, contudo, bagunçou meu cérebro: uma de suas pernas era mecânica. Meu olhar se voltou de novo pro cachimbo e, como se diz, *a ficha caiu*. Enquanto ele gargalhava, foi ficando cada vez mais escuro – e seu terno mais vermelho. Só o bigode e os cabelos

permaneceram brancos.

— Saci...?

Quando terminou sua transformação, ele parou de rir e me encarou com uma seriedade extrema.

— Saci é o caralho, meu nome agora é HueHueBr. — E desatou numa gargalhada ainda mais histérica do que antes.

Fiquei tão fulo, tão indignado, que só consegui perguntar uma coisa:

— Por quê?

— *Por quê? Gaaaaahahaha* — ele urrava. — *Por quê?* Porra, pela *zuera,* mermão! Porque é divertido *pra cacete* ver vocês se engalfinhando — ele disse em meio aos berros.

Estava completamente insano – e eu percebi que não tinha mais nada o que fazer ali.

Não sozinho.

Deixei o Saci ser seu próprio público, quase caindo da cadeira de tanto rir.

ÔN

## 12

Ele só não esperava que eu não fosse voltar para casa imediatamente. Ainda tinha preá naquele mato. Permaneci escondido nos arbustos ao redor, vi a troca de guarda ao amanhecer, vi a movimentação para reestabelecer a

energia do galpão, ouvi os urros do Monstro-Troll... e vi – e ouvi – e obtive – a informação que nos permitirá ganhar a guerra.

Pelo meio da manhã, um SUV de luxo parou na frente da casa. O Saci, novamente de pele branca e terno escuro, foi receber a visita. Era uma deusa loira, alta e magra, com cabelo preso num coque e impecável num terninho preto — a Meritocracia.

Me movi pra mais perto pra tentar ouvir melhor o que diziam, mas nem precisava. A Meritocracia trabalhava pro Sistema, um deus poderosíssimo e por muitas vezes esquecido, que raríssimas vezes dava

as caras, e entregou uma mala pro Saci – que tava na cara que tava cheia de dinheiro, só faltava ter um cifrão desenhado.

—... pra gente acabar de vez com a Política — foi um dos trechos da fala dela que me chegou com o vento. —... o trouxa do Capital... continuar bancando... é fácil de manipular... nossos objetivos.

Não disseram mais nada depois disso. Só que, quando a deusa abriu a porta de trás da SUV pra sentar, vi uma coisa que eu não poderia ter visto antes por causa dos vidros fumê: um outro deus, tranquilamente bebendo uma cerveja importada.

O Feriado.

Deus Saci

## 13

Dirigindo de volta pro morro, à noite, foi que eu entendi o que realmente estava acontecendo. “Pela zuera” uma ova. *Sequestro* uma ova. Fiquei um tempo só curtindo a minha indignação.

Podemos não ser os deuses mais

fortes no momento, mas a única coisa que é certa é que os *momentos* mudam. Ah, se mudam. Agora, nós temos a informação de *quem* é o verdadeiro vilão, e certamente desde que os novos deuses chegaram a essa terra – e que manipula a todos do jeito que quer, escondido nas suas sombras.

O que ainda não está claro é a participação da irmã do Feriado, a Sexta-Feira, e do Pastor, seu marido, nesse joguinho de distração, mas cada coisa a seu tempo. Vou entregar esse relato pra Internet, e, junto dela, descobrir até onde vão as raízes do Sistema. E quais são todos os frutos podres dessa árvore.

Mas só depois que os novos deuses realizarem o ritual, porque a Internet vai precisar de muita eletricidade, pra cavar cada vez mais fundo – e nós estamos só começando a retomar o que é nosso por direito.

## Sobre o autor

Rodrigo Rahmati é mineiro de Uberaba, mas mora em Sorocaba desde 2010. É formado em Gestão Ambiental e servidor público desde sempre. É um fotógrafo amador e escreve desde 2006. Suas primeiras publicações são de 2016 — cinco contos pelo selo "Contos do Dragão" da editora Draco, e seu primeiro romance, *O Arquivo dos Sonhos Perdidos*, o primeiro volume da série "Os Livros de Acqua".

Publicou outros contos em revistas como a *Gueto* e a *Trasgo*, e na antologia *Mitografias vol. 1: Mitos modernos*. Lançou em seguida um romance ilustrado por fotografias do próprio autor, *Nefelibata ou O Fotógrafo*. Foi podcaster por um tempo, depois editor da seção de contos do site *Leitor Cabuloso* e publicou recentemente, em 2019, o segundo volume de sua série de fantasia passada no mundo de Acqua, *A Sombra dos Deuses sem Rosto*. Está revisando seu próximo romance, uma fantasia urbana, e aceitou recentemente o convite para ajudar a arrumar a casa e ser editor na editora Nocaute.

A obra de Rodrigo Rahmati é instigante, reveladora e ajuda a ver, de um ângulo inusitado, a cultura brasileira. E vai além: é um olhar para nós mesmos. Funciona como espelho para observarmos o quanto as mazelas do outro são nossas próprias mazelas. Impossível não pensar na atual situação do Brasil onde tantas deidades são cultuadas diariamente, pois somente elas possuem o poder simbólico de ir ao resgate ou oferecer alívio psíquico para tanta gente. [...] E nunca se esqueça que, ao se deparar na internet com meme "sextou", nada mais é que uma breve oração para nossa querida deusa Sexta-Feira, irmã do Feriado.